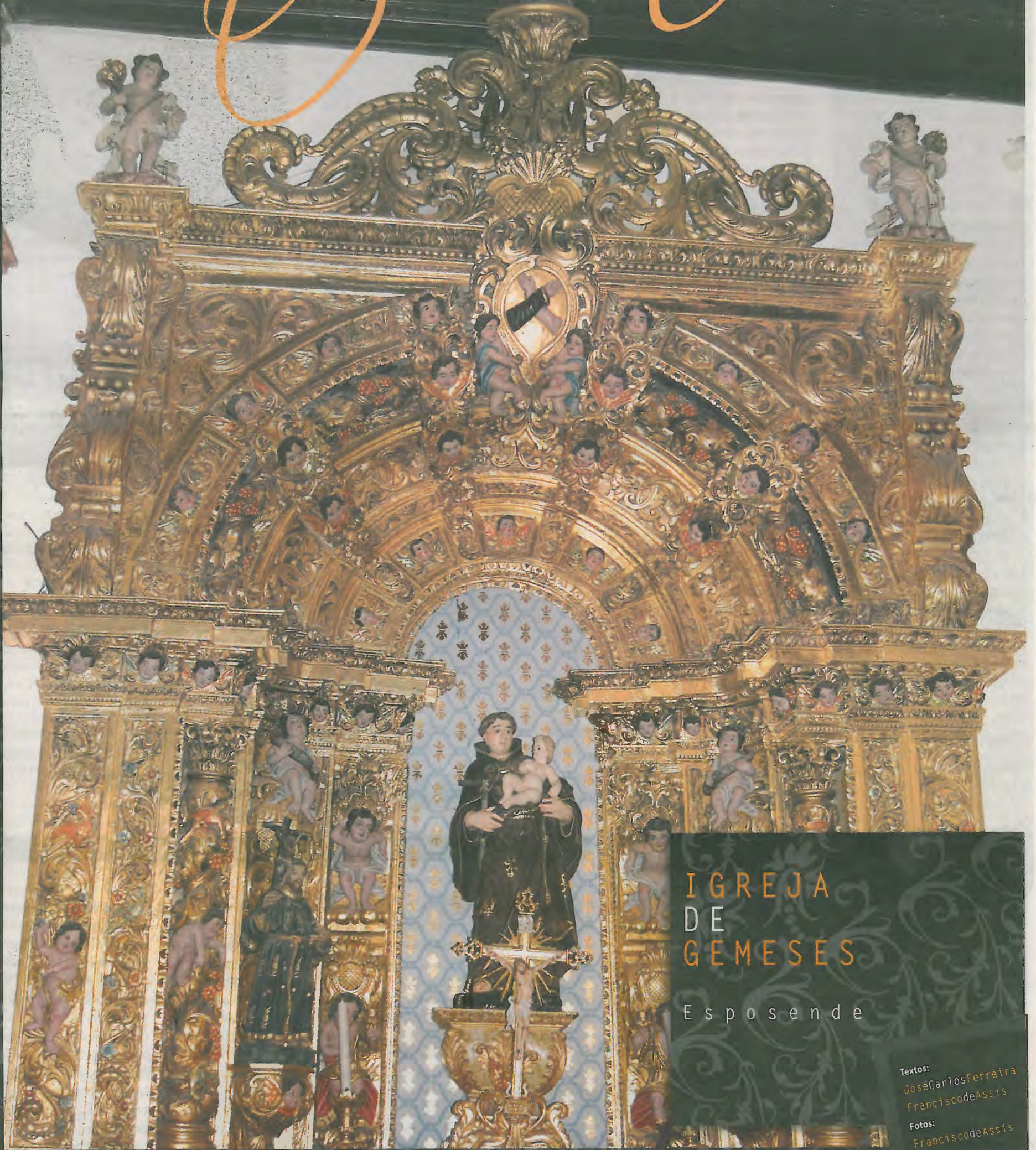


25 DE JANEIRO DE 2008
Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 28025 de 25 de Janeiro de 2008, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

Património



IGREJA
DE
GEMESES

Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

O suplemento "Património" desta sexta-feira leva-nos à freguesia de Gemeses, no concelho de Esposende. Já o fizemos aqui várias vezes, mas acreditamos que nunca é demais explicar as coisas quando são feitas por episódio, neste caso por fascículos. É que este suplemento não é sobre igrejas, mas sim sobre o património em geral, nomeadamente arte, arquitectura, história e cultura. Acontece que as igrejas foram, durante séculos, os centros de decisão e pólos aglutinadores de tudo o que se passava numa freguesia, acabando por formar centros habitacionais em seu redor. E é por isso que nós, ao falar de uma igreja, acabamos por abordar a história da freguesia.

Gemeses é uma terra antiga, referenciada nos principais documentos sobre a história desta região. A notícia da sua igreja aparece com maior regularidade no século XIV, designadamente no Índice das Igrejas no Arquivo Distrital de Braga. Esteve ligada, entre outras instituições, ao convento dos cônegos de São João Evangelista de Vilar de Frades e a S. Salvador de Banhos, em Barcelos.

O templo já sofreu uma série de intervenções profundas, mas, é de justiça dizer que, salvo alguns elementos estranhos, está bem conservado. Os restauros mais recentes têm respeitado a arte que nele existem, com destaque para dois fabulosos altares laterais do século XVIII.

Há ainda tempo e espaço para falar de duas figuras de relevo ligadas à freguesia.

Os achados arqueológicos até agora encontrados na freguesia de Gemeses indicam, sem deixar grandes margens para dúvidas, que terá existido nesta paróquia uma igreja de arquitectura românica. Esta é a opinião dos investigadores que lamentam apenas não confirmar estes

Achados mostram ter existido igreja românica em Gemeses

dados através das fontes escritas.

«Não conseguimos apurar a medievalidade da igreja de Gemeses através da documentação estudada, no entanto e dada a importância desta freguesia no século XII, não temos dúvida da existência de um templo românico neste local, até pela organização da paróquia naquela época em que a igreja seria o centro dos lugares que à sua volta se povoaram como Soutelo, Santães, Gemeses e Redondelo», afirma Manuel Albino Penteado Neiva, no seu livro "Gemeses - Terra de Passagem".

Segundo o investigador, a atestar esta suposição de ter existido uma igreja românica nesta freguesia estão alguns vestígios que foram encontrados na sua proximidade, «como a empena românica de um touro, assim como um arcaz tumular que, actualmente, se encontra no lugar da Quinta». A par destes achados salienta-se também a pia baptismal que, neste momento, está colocada no interior da capela de Nossa Senhora do Lago, que, pelo granito e pelo seu recorte, tudo indica será medieval e estaria na igreja da paróquia de Gemeses.

Por outro lado, acrescenta ainda o historiador, «a própria invocação de S. Miguel como padroeiro também induz na suposição de um templo de raiz românica».

Para além destes dados, há também a realçar o facto de a freguesia de Gemeses constar em documentos do século XIII, ficando também atestada, desta forma, a sua antiguidade.

Paróquia de Gemeses nas Inquirições

Assim, segundo a investigação efectuada por Manuel Albino Penteado Neiva, esta é uma das paróquias que surgem nas Inquirições de D. Afonso II, de 1220.

«Em Gemeses, que no documento vem como "Gemecios", e cujo padroeiro já era S. Miguel, foi ouvido o abade Gunsalvus Pelaggi, o monge Stephanus e os homens bons Petrus Pelagium Pasqual, Pelagius Veegas, Pelgius Gunsalvi, Johannes Petri, Gunsalvus Gunsalvi, Gunsalvus Johannis, Menendus Pelagii», afirma. Ainda segundo o historiador, «todos prestaram juramento e disseram que nesta paróquia o Rei não tinha qualquer terra reguenga (jurati dixerunt quod Rex nullum habet ibi Regalengum) e que não era padroeiro desta igreja (jurati dixerunt quod Rex non est patronus) mas que os seus moradores pagavam impostos e serviços à coroa (quod dant de ista collatione)».

Desta forma, salienta Manuel Albino Penteado Neiva, pode depreender-

-se que terão sido os habitantes da freguesia de Gemeses a instituírem a sua igreja e, «por isso, eram eles os padroeiros e não o rei».

Nas Inquirições de 1258, de D. Afonso III, Gemeses volta a ser referida, sendo denominada de "Julmezes". «O Juiz que fez esta inquirição foi um tal João, filho de Pedro e desta vez foi recebido em Gemeses pelo abade, aqui designado por Prelado Michael Johannis (Michael Johannis Prelatus), acompanhado de outros moradores desta freguesia, os tais homens-bons», afirma o historiador. Segundo a sua investigação, «sob juramento, disseram que um quarto da sua igreja era reguenga do rei

(dixerunt que ouviram dizer que o quarto desta ecclesia est regaenga del Rey), o que contraria as afirmações feitas em 1220 em que o rei não tinha quaisquer propriedades nem era Padroeiro desta igreja». Já no reinado de D. Dinis foram efectuadas novas inquirições, que decorreram entre 1284 e 1307. «Para as Terras de Neiva mandou o Juiz Aparício Gonçalves que se dirigiu a S. Miguel de Gemeses para apurar dos direitos e deveres dos seus moradores», conta o investigador. Tendo em consideração o que conseguiu apurar, a freguesia foi visitada «por três vezes, uma em 1284 para conhecer os direitos do Rei e

a seguir, em 1288, querendo saber quais as Honras que aqui existiam e se novas foram criadas», tendo os inquiridos sido praticamente todos repetidos entre 1301 e 1307. «No reinado do Rei Lavrador, Gemeses já tinha fixado o seu nome (S. Michael de Gemecis), pese embora nos primeiros inquiridos ainda figurasse como Jumezes» e, «também no tempo de D. Dinis, a coroa continuava a não ser Padroeira desta igreja (dixerunt, q. Rex non est patronus) e que o rei não possuía aqui qualquer terra reguenga, tal como em 1220 e 1258 (dixerunt, q. Rex nullum habet ibi Regalengum)», acrescenta o historiador.



> Pia baptismal que está na capela de Nossa Senhora do Lago e que deverá ter pertencido à igreja românica de Gemeses

Visitador mandou reedificar a igreja em 1734

Os historiadores afirmam que a igreja de Gemeses foi reedificada no século XVIII, por ordem de um visitador que encontrou o templo em estado avançado de degradação, ameaçando ruína. Sabendo-se que esta paróquia teve um templo de arquitectura românica, fica, contudo, a dúvida se terá sido essa igreja a ser demolida. No seu livro "Gemeses – Terra de Passagem", Manuel Albino Penteado Neiva dá uma pequena ideia de como seria a igreja no século XVI, pelo menos em termos de dimensão, suportado num documento do Arquivo Distrital de Braga. Segundo explica, «em 1592 esta igreja localizava-se no centro da freguesia, pouco distante do actual local». «Era um templo com alguma dimensão, cerca de 893 metros quadrados, e estava rodeado por um adro com 689 metros quadrados. Junto a este existiam a residência paroquial "de pedra e telha com uma sobradada" com uma área de 121 metros quadrados, e em anexo a esta, uma adega com lagar, uma estrebaria, um curral, um palheiro e outras duas pequenas casas de apoio à residência do abade. Também, junto ao adro, existia uma casa onde moravam os caseiros do abade, com anexos para a lavoura», relata. Ainda segundo o historiador, a paróquia de Gemeses pertencia ao Mestre-Escolado da Colegiada de Barcelos, sendo, por isso, da competência do Mestre-Escola realizar as visitas e «opinar sobre o bem-estar temporal e espiritual da sua igreja». Assim, foi a 1 de Agosto de 1734 que, numa das visitas o Mestre-Escola deixou críticas severas ao estado da igreja de Gemeses, deixando estipulado o seguinte: "...vendo esta igreja de Gemeses ameaçando ruína a mandou reedificar". Ao que consta, as paredes estavam tortas, o templo era antigo e já era demasiado pequeno. Perante isto, «o juiz e demais oficiais da Confraria de Subsino de Gemeses celebraram um contrato de obra com o mestre pedreiro António da Costa, para reedificação da igreja paroquial», conta Manuel Albino Penteado Neiva. Nesse contrato, acrescenta, ficou definido que este templo, a ser construído no adro da anterior, «teria de comprido oitenta palmos (16 metros) e de largo vinte e oito (5,6 metros), (...) por cima das empenas teria pirâmides com suas pilastras (...) terá um campanário (...) a porta principal terá guarnição (...) haverá uma escada para o coro com seus degraus em pedra», transcreve o investigador, realçando ainda que o «custo da obra foi acordado por 280\$000 reis».

Bênção da 1.ª pedra

Tendo em consideração a investigação realizada por Manuel Albino Penteado Neiva, foi a 5 de Julho de 1736 que se procedeu à bênção da primeira pedra desta construção pelo licenciado Manuel Fernandes, do lugar de Soutelo.

«Quanto à bênção do novo templo, surgem algumas dúvidas provocadas pela documentação estudada», acrescenta. Tendo por base as informações do abade António Pires, o historiador afirma que «as obras da nave central ficaram quase concluídas em Abril de 1737, pois é no dia 9 desse mês que os moradores de Gemeses receberam licença para que fosse benzida a igreja».

No entanto, opinião diferente tem o historiador Franquelim Neiva Soares que num artigo publicado no jornal "Nascer de Novo" sustenta que a bênção solene «fez-se no dia de S. Sebastião, em 20 de Janeiro. Mas, Penteado Neiva apresenta ainda um outro documento onde é solicitada ao Arcebispo de Braga "licença a favor de António Ribeiro, Juiz do Subsino da freguesia de São Miguel de Gemeses, para o Reverendo Pároco lhe benzer a sua igreja", tendo essa mesma licença sido concedida a 17 de Janeiro de 1738.

Por outro lado, as obras da capela-mor, reconstruída às custas do abade, só começaram a 4 de Julho de 1740. «Só em 17 de Outubro de 1742 é que o abade António Pires recebe uma Provisão do Arcebispo D. José de Bragança, dando-lhe autorização para benzer a referida capela mor», afirma Penteado Neiva. «Segundo a sua petição», acrescenta o investigador, «...foi obrigado por causa do Capítulo de Visita a fazer de novo a sua igreja matriz e cumprindo o fizera de novo e foi preciso fazer a capela maior e uma sacristia de pedraria e, assim, mudaram o altar». A bênção da capela-mor aconteceu no dia de Todos os Santos de 1742.



Casa paroquial e igreja de Gemeses



A antiga igreja foi construída muito perto da actual



A invocação de S. Miguel como padroeiro indicia a antiguidade da paróquia

Dois fabulosos altares barrocos centram as atenções dos visitantes

A igreja de São Miguel de Gemeses é, em termos de estilo, um templo barroco, como se pode comprovar pelos mais variados elementos. No entanto, o que verdadeiramente prende as atenções dos visitantes e dos fiéis são dois fabulosos altares barrocos, com marca do século XVIII. Normalmente, é na capela-mor que está a arte de maior valor de uma igreja, sendo por isso, o local mais nobre. Por um lado, porque, por tradição, a tribuna do altar-mor é a peça artisticamente mais rica e mais cuidada; por outro lado, porque é onde está o Santíssimo Sacramento, isto é, a presença de Cristo.

Na igreja de Gemeses, mas não é caso único, sem retirar qualquer mérito à tribuna do altar-mor, até porque trata-se de um belo exemplar da arte neoclássica, estilo império, é nos altares laterais que estão concentrados os elementos mais valiosos. Estamos a falar do altar de Santo António e o altar de Nossa Senhora do Rosário. A começar pela talha em si, num barroco volumoso e artisticamente belo, terminando nas imagens que, apesar de muitas, conseguem fazer uma harmonia bem agradável aos olhos dos apreciadores.

Aquando do inquérito que viria a dar origem às "Memórias Paroquiais de 1758", o abade de então, António Pires, não poupava elogios ao trabalho e às peças esculpidas. «Tem o altar maior adonde tem o Santíssimo Sacramento e huma boa tribuna, que dentro della accomoda 60 lumes. E dois altares colateraes. O da parte Norte de Nossa Senhora do Rozario com sua Irmandade da mesma, que de novo se fundou no ano de 1758, e tem uma imagem muito respectiva da mesma Senhora que o reverendo abbade Sebastião Pires mandou fazer por devoçam que tem de 5 palmos e hum couto. E o outro altar da parte Sul, de Santo António, com a sua irmandade do mesmo santo e a sua imagem moderna de 4 palmos e 3 dedos e hum bom retabollo de bom talhe e dourado». Sobre estas e outras confrarias falaremos na página VI.

Intervenção de fundo no século XIX

Entretanto, no segundo quartel do século XIX, sensivelmente um século depois da reconstrução, a igreja carecia de uma intervenção urgente, tendo em conta que «o seu estado era mau para a decência do culto», como escreve Manuel Albino Penteadado Neiva, na publicação "Gemeses Terra de Passagem", citando documentos antigos, nomeadamente o "Livro de Actas da Junta da Paróquia". A apreciação «mau para a decência do culto» tocou os responsáveis de então que, a 20 de Abril de 1839, entregaram a obra ao mestre Manuel José Dias, pela quantia de 11700 reis. Uma verba que deveria ser repartida por



> Renovada capela-mor, em estilo neoclássico



> Aspecto do altar de Nossa Senhora do Rosário

todos os habitantes de Gemeses, de acordo com as possibilidades de cada um.

A intervenção consistia em «meter cal em todo o telhado e concertar o guarda pó e branquear toda a igreja e torre que estava muito arruinada», além dos melhoramentos na pedraria e nos telhados. Anos mais tarde, em Novembro de 1850, a Junta da Paróquia decidiu realizar novas obras no templo, nomeadamente o arranjo no altar-mor, «concertar os anjos tocheiros e colocar uma chave na pia baptismal e outra no armário dos Santos Óleos, pintar a tribuna e o ferro do coro, rebocar os telhados da igreja e fazer alguns concertos na residência», assinala Penteadado Neiva. Entretanto, a partir de Junho de 1873, a igreja voltou a entrar em obras de grande monta, «por esta estar arruinada de paredes e madeira», justificaram. Foi, por ventura, por essa ocasião

que modificaram o arco cruzeiro e a própria capela-mor, com altar em talha neoclássica. No cimo do arco cruzeiro está a data de 1889, bem como o nome do abade que ofereceu a obra, – (ABD.e ANT. J.CERQ.a Ofereceu – 1889).

Sobre os dois fabulosos altares barrocos, Santo António e Senhora do Rosário, Penteadado Neiva assinala que sempre foram de grande devoção dos gemesenses. «Curiosamente, nos registos de óbitos já no século XVII, os meninos com menos de sete anos eram sepultados à frente do altar de Santo António, enquanto que as meninas eram sepultadas em frente ao de Nossa Senhora do Rosário», escreveu no livro "Gemeses – Terra de Passagem". No altar de Nossa Senhora do Rosário, vale a pena realçar as imagens dos pais da Virgem, Santa Ana e São Joaquim; enquanto que no altar de Santo António, destaque para a imagem e o símbolo de São Francisco de Assis.



> Imagem de Santa Ana, no altar barroco de Nossa Senhora do Rosário

Século XX trouxe novas e grandes reformas na igreja

Dizia-nos em tempos o cónego Eduardo de Melo Peixoto, antigo Deão da Sé de Braga, exactamente a propósito da Sé Catedral, que as igrejas são como as mulheres que, para estarem sempre bonitas, não se devem descuidar. Dizia também que as obras nas igrejas nunca acabam, «há sempre algo a fazer». E é o que tem acontecido na igreja de São Miguel de Gemeses. Pode dizer-se que a freguesia tem hoje uma igreja segura, airosa, limpa e sobretudo, bem preservada no interior, no exterior e até no adro, onde foi feito um bom arranjo urbanístico. Depois das grandes intervenções dos finais do século XIX, não houve direito a descanso no século XX, com grandes reformas do princípio ao fim da centúria. No entanto, só a partir do segundo quartel do século é que temos notícias de obras. A igreja que Teotónio da Fonseca descreve no livro "Espozende e o seu concelho", editado em 1936, é totalmente diferente da que temos na actualidade.

Manuel Albino Penteado Neiva, na publicação "Gemeses - Terra de Passagem", refere que, em 1968, sendo pároco o reverendo André Gonçalves Vasco, «procedeu-se a grandes reformas na Igreja Paroquial nomeadamente o restauro da Tribuna que se encontrava muito danificada». Supõem-se que seja por essa altura que o templo foi forrado de azulejos tanto na nave como na capela-mor. Terá sido, igualmente por essa época que o tecto foi modificado.

Em 1995, a população de Gemeses volta a estar de mãos dadas com o pároco, padre Cândido Azevedo, para mais uma intervenção no interior e exterior da igreja, mas também na residência paroquial. Obras que incluíram pintura e douramento de todos os altares. O pavimento, que era em taco, foi substituído. Instado a comentar o actual estado de conservação da igreja, Penteado Neiva começou por elogiar os ricos altares, salientando ainda que o templo reflecte um pouco as várias fases de renovação.

O antigo vereador da Câmara de Espozende recorda que Gemeses teve a sua igreja românica, entretanto substituída. «Por Gemeses passava uma estrada medieval; era uma terra de passagem. É natural que tenha sido uma igreja de acolhimento, com alguma riqueza. A história mostra que Gemeses teve abades ricos, formados, e com influência na região. E isso reflectia na arte e na arquitectura do templo».

O historiador elogia o cuidado com que foram restaurados os altares, especialmente os dois fabulosos laterais. O altar-mor é mais recente, tipo império, estilo neoclássico. «No entanto, vendo estes dois altares laterais tão ricos, não acredito que



> Igreja de Gemeses está airosa, segura, limpa e preservada



> No arco cruzeiro está a data de 1889, que indica o fim das obras do séc. XIX

não houvesse também um altar-mor com a mesma riqueza», diz.

Livro ajudou nos custos da obra

Penteado Neiva é de opinião que a mudança terá acontecido aquando da intervenção no século XIX, em que o altar-mor tenha sido substituído de acordo com as necessidades e as características da intervenção em causa. «Tanto é que o altar-mor enquadra-se perfeitamente na capela-mor. O que significa que foi desenhado para o local».

O investigador contou como esteve ligado às obras mais recentes. «Há meia dúzia de anos, o padre Cândido estava em obras na igreja. Houve um desafio no sentido de eu fazer a monografia de Gemeses e a sua publicação seria precisamente para as obras. Recordo o dia do lançamento em que estive algumas horas a dar autógrafos, porque quase todas as famílias de Gemeses fizeram questão de adquirir a monografia da sua terra. E o produto da venda foi para as obras. As pessoas entenderam o desafio do pároco. Isto é, dão o seu contributo, mas também recebem algo em troca. Eu penso que, muitas vezes, é necessário fazer isso. Que dêem as suas esmolas e que levam qualquer coisa em troca. Não é uma paga, é uma memória do mo-



> Parte do fabuloso altar de Santo António, com símbolos franciscanos

mento», refere. Penteado Neiva também deu o seu contributo para a obra. «Foram quase dois anos de investigação em que não ganhei rigorosamente nada, mas tenho o maior prazer em ter

contribuído de alguma forma para esta obra. Ganhou a igreja, ganhou a freguesia e ganhou o património», entende. O historiador classifica de «espan-toso» o enquadramento do adro.

«É importante realçar que os elementos tradicionais de arquitectura que existiam foram todos mantidos. Toda a parte granítica foi preservada, isto é, houve a preocupação de manter este conjunto histórico».

GEMESES E AS SUAS DEVOÇÕES

Grande acção religioso-caritativa espelhada nas várias confrarias

Diferentes autores fazem questão de sublinhar a grande adesão dos gemenses às causas da sua freguesia, fossem elas de âmbito estritamente religioso, sócio-caritativo ou no contributo para que a casa de Deus estivesse limpa, segura e digna. As confrarias desempenharam, outrora, um papel preponderante não só na vivência e animação litúrgica, mas também na ajuda aos mais desfavorecidos.

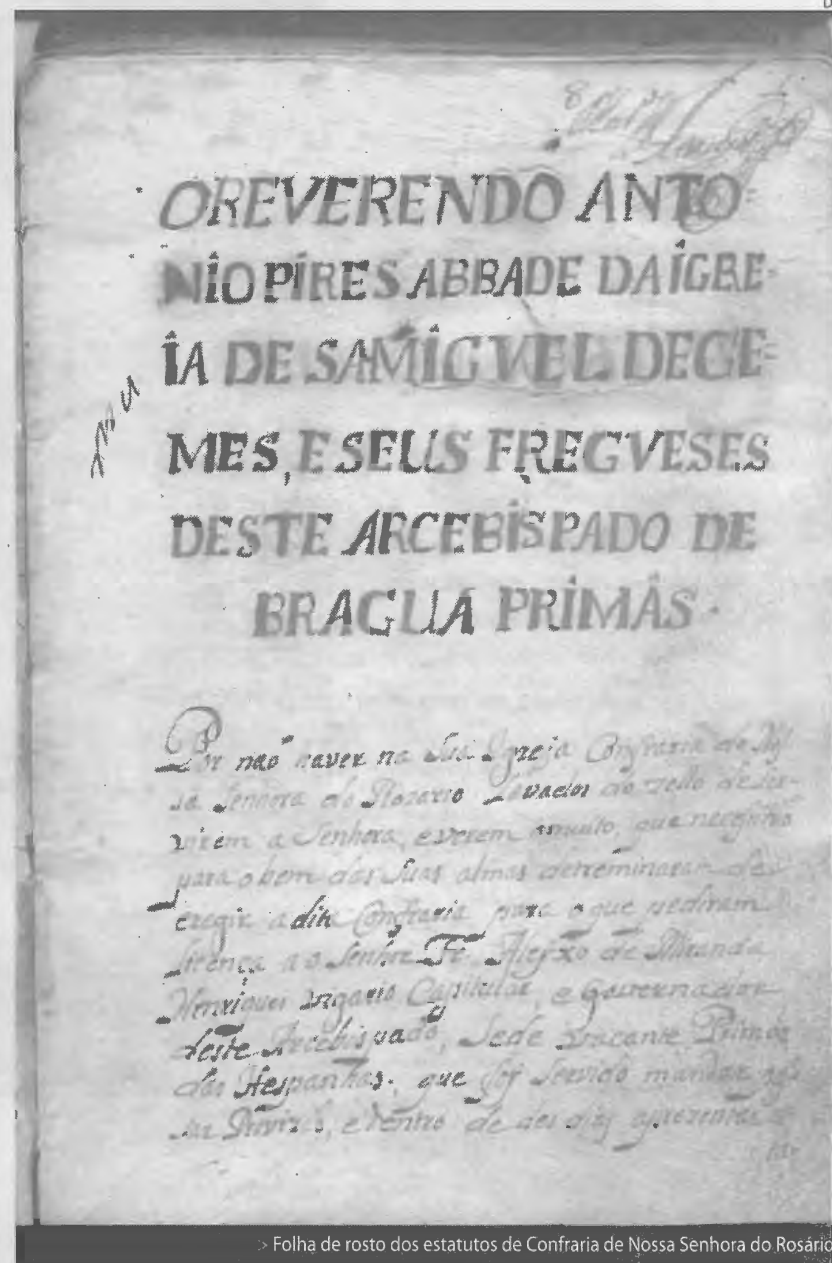
Gemeses teve, ao longo dos séculos, perto de uma dezena de confrarias, algumas delas com grande pujança e influência na localidade. Entre as mais importantes e mais antigas estão, a Confraria do Subsino, uma espécie de Conselho Económico dos nossos dias, mas com maior poder do ponto de vista da intervenção social; a Confraria de Nossa Senhora do Rosário, Confraria de São Miguel, o padroeiro, Confraria do Santíssimo Sacramento, Confraria de Santo António, Irmandade dos Clérigos de S. Pedro da Barca, entre outras, com maior ou menor devoção.

Uma das mais importantes confrarias de uma igreja era, sem dúvida, a do Santíssimo Sacramento. Por um lado, pela solenidade e seriedade com que a população devotava o Santíssimo. Era uma das condições para uma igreja ter sacrário. No caso de Gemeses, a confraria foi erecta ainda no século XVII, 17 de Agosto de 1692, mas é no século seguinte que ganha pujança e vê o seu património crescer. No início do século XVIII, há referências de vários pessoas que doaram somas consideráveis ou propriedades para sustentar o azeite da lâmpada do Santíssimo. No livro "Gemeses Terra de Passagem", Manuel Albino Penteado Neiva cita quantias de 1000.000 reis ou 20.000 reis para a causa. «Em 1748, esta Confraria tinha cerca de 51 propriedades e o seu rendimento anual era de 6880 reis», nota. Os estatutos foram reformulados pela última vez há 70 anos, em Novembro de 1938.

Curiosamente, a mesma idade tem a Confraria de Santo António, também fundada em 1692, no tempo do abade José Mendes. Os estatutos foram reformulados em 1733, a pedido do abade Sebastião Pires. Como já vimos, Santo António tem um riquíssimo altar na igreja. Menos conhecida, mas nem por isso menos importante foi a Irmandade dos Clérigos de S. Pedro da Barca. Segundo o investigador Penteado Neiva, esta irmandade insere-se numa das grandes devoções das



Imagem de S. Francisco de Assis, no altar de Santo António



Folha de rosto dos estatutos de Confraria de Nossa Senhora do Rosário

gentes do mar e do rio. «Assentes em crenças piedosas que os espectáculos majestosos e perigos do mar tão naturalmente suscitam e alimentam», cita, acrescentando, por isso, que raro é o compromisso marítimo que não tenha por patrono S. Pedro Gonçalves Telo. A confraria terá sido instituída na capela de Nossa Senhora do Lago. Um tema a que voltaremos proximamente.

Senhora do Rosário, procissões e festas

Outra confraria de referência na freguesia, até pela dimensão e qualidade do altar, é a de Nossa Senhora do Rosário. Não foi encontrada a data exacta da sua fundação. No entanto, através do Livro de Usos e Costumes, fica-se a saber que existia já em 1707.

Entretanto, esta confraria terá sido extinta ou então deixou simplesmente de funcionar. E no dia 21 de Janeiro de 1757, o abade de Gemeses fez um pedido ao Arcebispo

de Braga, em que dizia: «por não haver na igreja Confraria de Nossa Senhora do Rosário, tem devoção os fregueses de erigirem nela para o que tem tudo o que é preciso». De facto, nas Memórias Paroquiais de 1758, o abade, ao falar sobre o altar de Nossa Senhora do Rosário dizia: «com sua irmandade da mesma, que de novo se fundou no ano de 1758». Isto é, a petição foi feita em 1757 e no ano seguinte, o Arcebispo de Braga D. Frei Aleixo de Miranda Henriques deu a respectiva autorização.

Penteado Neiva destaca as principais festas e romarias anuais na freguesia de Gemeses. Entre elas estavam Espírito Santo, Natal e Pascoa, o padroeiro São Miguel e Nossa Senhora da Assunção. Sem esquecer, claro, a romaria à capela de Nossa Senhora do Lago, que se celebrava na segunda oitava da Páscoa. Uma festa citada por José Augusto Vieira, no "Minho Pitoresco".

Não deixa de ser estranha a ausência de informações sobre uma Confraria das Almas em Gemeses.



Imagens lindas e valiosas da igreja de Gemeses

Pela paróquia de Gemeses passaram sacerdotes ilustres

Ao longo dos séculos, foram vários os sacerdotes que parouquiaram na freguesia de Gemeses e que ganharam notabilidade e, entre eles, destacam-se pelo menos dois. Um que foi Bispo do Algarve e do Porto e outro que foi capelão do Corpo Expedicionário Português em França, na I Grande Guerra Mundial. Nascido a 2 de Fevereiro de 1860, o cônego José Manuel de Sousa assumiu a paróquia de Gemeses em 7 de Fevereiro de 1891, vindo de Encomendado de Palme. Segundo o historiador Manuel Albino Penteado Neiva, este sacerdote foi um dos primeiros homens da Igreja de Braga a aderir à República. «Ele era um republicano convicto e, na altura foi um dos primeiros a aceitar o vencimento dado pelo Estado e os colegas dele aqui do concelho não aceitaram muito bem isso», afirma. Contudo, o cônego José Manuel de Sousa notabilizou-se por ter participado na I Grande Guerra Mundial como capelão do Corpo Expedicionário Português em França, para onde embarcou em Maio de 1917. No seu livro "Gemeses - Terra de Passagem", Manuel Albino Penteado Neiva realça que este sacerdote «foi louvado pelos relevantes serviços prestados aos feridos na guerra, nomeadamente na grande batalha de 9 de Abril, e era conhecido pela sua coragem em deslocar-se à frente da batalha por forma a socorrer os feridos e transportá-los em ambulâncias». Tendo em consideração esta forma superior de estar na guerra, «por "Ordem do Serviço de Ambulâncias", de 23 de Maio de 1918», o cônego José Manuel de Sousa «foi louvado pelos relevantes serviços que prestou aos feridos que foram pensados em Les Lebes durante o combate de 9 de Abril último e pelo que demonstrou na tentativa do enterramento dos mortos que haviam ficado em Les Lebes, porque demonstrou em tudo, a par da maior coragem e serenidade, a mais elevada e nobre compreensão dos seus deveres eclesiásticos», transcreve o historiador na sua obra.

Este sacerdote, acrescenta ainda Penteado Neiva, foi também condecorado em 14 de Dezembro de 1918 com a Cruz de Guerra de 2.ª Classe, e em Fevereiro de 1919 com a Medalha Comemorativa da Campanha em França, tendo deixado o Corpo Expedicionário Português em 1 de Outubro de 1919.

Depois de Gemeses foi Bispo do Algarve

Outro sacerdote que passou pela paróquia de Gemeses e se distinguiu, tendo sido nomeado Bispo do Algarve e, posteriormente, do Porto, foi D. António Bernardo da Fonseca Moniz. Nascido em Moncorvo a 11 de Março de 1789, o prelado fez os seus estudos preparatórios, matriculando-



> Casa paroquial de Gemeses



> Tecto da capela mor com pormenores em alto relevo

-se depois na Universidade de Coimbra, onde se formou na Faculdade de Cânones em 1814. Segundo J. Augusto Ferreira, no seu livro intitulado "Memórias Arqueológico-históricas da Cidade do Porto (Fastos Episcopais e Políticos) - Séc. VI - Sec. XX", D. António Moniz ordenou-se em 1816, tendo sido nomeado pouco tempo depois Vigário Geral de Valença do Minho, pelo Arcebispo de Braga, D. Fr. Miguel da Madre de Deus, «que era seu conterrâneo e protector». «Nesta comissão de serviço eclesiástico apenas esteve três anos, pois que, vagando a freguesia de Gemeses, da apresentação da Mitra, no concelho de Esposende, foi nela provido por concurso», afirma. A sua entrada nesta paróquia, tendo em consideração os estudos de Manuel Albino Penteado Neiva,

aconteceu em 1822, tendo ali permanecido até Agosto de 1823. Chamado a Braga, o prelado foi nomeado Procurador Geral da Mitra e desempenhou os cargos de Desembargador da Relação Metropolitana, Promotor do Juízo Apostólico, Examinador Sinodal e de Vigário Geral do Arcebispado. Depois de ter exercido os cargos de pároco de Beiriz, na Póvoa de Varzim, Governador do Bispado de Coimbra, Cônego da Sé de Lisboa, Governador do Arcebispado de Braga, é nomeado em 1840 Bispo do Algarve e depois, em 1854, Bispo do Porto. D. António Moniz exerceu ainda actividade política, tendo sido eleito em 1834 deputado pela Província do Minho. Foi convidado em 1851 para ministro de Justiça, cargo que recusou. O prelado faleceu a 5 de Dezembro de 1859, na cidade do Porto.



> Imagem de S. Miguel



> Junto à pia baptismal encontra-se o armário dos Santos Óleos. Em 1850, para evitar "roubos", a Junta de Paróquia, a pedido do abade Bernardo José de Sousa e Castro, decidiu colocar fechaduras tanto na pia baptismal como no armário.



> Os altares laterais, o de Nossa Senhora do Rosário e o de Santo António, foram de grande devoção da população de Gemeses. No século XVII, os meninos que faleciam com menos de sete anos eram sepultados em frente do altar de Santo António e as meninas em frente do de Nossa Senhora do Rosário.



Num dos altares laterais da igreja de Gemeses encontra-se a imagem do peregrino S. Roque. Trata-se de uma imagem que poderá estar ligada ao facto de por aqui terem passado muitos peregrinos a caminho de Santiago de Compostela.



> Um arcaz tumular, que se encontra actualmente no lugar da Quinta e que se pode datar do período medieval, é para os historiadores um indício que vem reforçar a ideia que Gemeses terá tido um templo de arquitectura românica.



> Os investigadores concluíram que uma pequena estatueta em forma de touro, inicialmente tida como uma peça zoomórfica proto-histórica, era uma empena da igreja românica.



Na primeira metade do século XVIII, quando a capela-mor da igreja estava a ser construída, houve a necessidade de transferir o Santíssimo Sacramento, primeiro, para o altar de Nossa Senhora do Rosário e, depois, para o de Santo António.